



EDUCAÇÃO DA CIDADE: UMA ANÁLISE ENTRE A CONCEPÇÃO E A PRÁTICA

Eliana Figueiredo da Silva¹

Maria Jackeline Feitosa Carvalho²

RESUMO

A cidade com função educadora idealmente apresentaria um tipo relacional de administração dos recursos e nas atribuições das instituições, incluiria todos os espaços urbanos numa mesma proposta de reparação de desigualdades. Neste trabalho buscamos verificar o potencial educativo da cidade onde vivemos, com o objetivo de investigar os efeitos práticos do conceito cidade educadora. Nesta pesquisa exploratória realizamos uma entrevista estruturada com o pai de um aluno de escola pública do Ensino Fundamental – 9º ano, e a partir da entrevista, a análise do discurso. Efetuamos uma revisão bibliográfica acerca do conceito cidade educadora, observando no discurso analisado, os pressupostos científicos estudados. Verificamos que os conceitos analisados se apresentam no discurso de nosso entrevistado, embora as expectativas de uma melhor educação escolar não tenham sido atingidas.

Palavras-chave: Cidade; Cidade Educadora; Educação da Cidade.

INTRODUÇÃO

A ensaio que segue foi incentivado pelo componente curricular Educação da Cidade no contexto da licenciatura em sociologia. O tema é central para a educação mire-se de qualquer lugar de pesquisa. A sociologia, e a sociologia da educação, mais especificamente, tem olhado com devido cuidado para esse novo objeto. A sociologia urbana nos últimos vinte anos, tem realizado estudos e pesquisas sobre a educação na cidade e contribuído nesse sentido com destaque para o Observatório das Metrôpoles³.

Nessa escrita foram revisados alguns artigos acadêmicos que trazem um conjunto de conceitos sobre as questões que envolvem educação e cidade, e uma entrevista com um pai de aluno da rede pública de ensino em Campina Grande – PB, na busca por compreender de que maneira esses conceitos estudados, refletem-se no caso do entrevistado.

METODOLOGIA

¹Graduanda em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, elianafigueiredo64@gmail.com ;

²Professora orientadora: doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, jacsocurbana@gmail.com

³ O Observatório das Metrôpoles é um Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que trabalha de forma sistemática e articulada sobre os desafios metropolitanos colocados ao desenvolvimento nacional, tendo como referência a compreensão das mudanças das relações entre sociedade, economia, Estado e os territórios conformados pelas grandes aglomerações urbanas brasileiras. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/apresentacao/>

Realizamos uma pesquisa exploratória acompanhada de uma entrevista estruturada com o pai de um aluno de escola pública do Ensino Fundamental – 9º ano. A partir da entrevista, efetuamos a análise do discurso do entrevistado à luz das teorias que ancoram o artigo. Efetuamos uma revisão bibliográfica acerca do conceito cidade educadora, observando no discurso analisado, os pressupostos científicos estudados.

REFERENCIAL TEÓRICO

No artigo Cidade educadora e administração local da educação na cidade de Braga, Joaquim Machado (2020), busca definir a cidade educadora a partir do Relatório Faure⁴. A cidade educadora, de acordo com o autor deve refletir a unidade de um sistema humano integral, somando-se a educação formal e informal. Essa ideia de cidade educadora ocorre no espaço da cidade, onde os gestores têm a responsabilidade de potencializar a realização educativa da cidade, e regular a função educadora dos vários agentes.

Para que uma cidade seja considerada educadora, de acordo com o estudo acima citado, é preciso observar não só a quantidade e a qualidade das escolas em questão, mas, todo o conjunto de instituições que podem atuar no processo educativo. Educadora é uma cidade que para além das funções tradicionais se responsabiliza pela função educadora, onde todas as instituições possam agir estrategicamente orientadas para a educação.

O que se busca é criar a partir desse conceito, um sistema educativo em que a escola e a sociedade estejam integradas e integradoras. A regulação dos estabelecimentos e agentes formais de educação deve ser orientada de forma a manter a liberdade do processo educativo e que tome o território como espaço educacional, reunindo os diversos aspectos social, político e culturais.

Este modelo de cidade educadora como função da cidade pressupõe um tipo relacional de administração que coordene os diferentes grupos e disponha das diferentes fontes de recursos incluindo-se as parcerias público privadas, num processo contínuo de construção.

De acordo com Machado (2022) há riscos na constituição das cidades educadoras: um deles é a fragmentação entre as instituições, característica da burocratização. Outro risco é o

⁴ O Relatório Faure é uma elaboração coordenada por Edgar Faure em 1972. Considerado um marco importante na história do pensamento educacional da organização e apresentado a UNESCO com os objetivos de cultivar a solidariedade internacional no contexto de sua diversidade cultural, a busca pela democracia como um direito do ser humano, o desenvolvimento das expressões individuais de forma integral, uma educação que forme sem coagir priorizando a constância na busca pelo saber com foco no aprender a ser. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000129766> Acesso em: jun 2022.

estabelecimento de “conexões fortes” entre as instituições, concentrando e delimitando as atribuições, indo na contramão da ideia de cidade educadora aberta e plural, dedicada ao exercício da emancipação e da liberdade.

Em Educação na cidade: possibilidades contra hegemônicas, Priscila Chisté (2017) afirma que para Henri Lefebvre (2008), cidade é o espaço moldado pelas atividades sociais no decorrer do tempo histórico. A cidade é o espaço de mediação de vínculos entre os indivíduos. É o lugar que carrega em si um conjunto de contradições vivenciadas por quem a ocupa.

A autora argumenta sobre o Relatório Faure (1972) a partir de Moacir Gadoti para quem o modelo definido pela UNESCO⁵ está coerente com as necessidades de países em desenvolvimento como no caso do Brasil. Para Priscila Chisté (2017) esse modelo tem como finalidade reproduzir a sociedade capitalista e a sociedade brasileira não estaria preparada para efetuar tal modelo quando sequer esgota os recursos que possui para a educação. Ressalta a importância da escola como instituição essencial para atingir os objetivos que se relacionam com a formação humana de forma integral e emancipatória, de maneira que os educandos possam apropriar-se da escola e do espaço da cidade integralmente. Outra crítica apresentada por Chisté ao modelo de cidades educadoras está no que se refere ao compromisso da sociedade civil em relação a execução do projeto. Entretanto, a proposta da Carta das Cidades Educadoras (1990) também promovida pela UNESCO, trata da proposta de cidade educativa como política pública da cidade reduzindo o espaço de atuação do Estado que economizaria com gastos, enquanto se delega a responsabilidade pelas políticas sociais para a sociedade civil.

Priscila Chisté (2017) sublinha a necessidade de priorizar a escola pública e implementar através dela, práticas para o desvelamento da cidade que na maioria dos casos reproduz a sociedade desigual. Afirma que essas contradições precisam ser elaboradas pela educação de maneira que os alunos e alunas sejam capazes de contestar situações de exploração e subalternidade.

Educação na cidade é a proposta para uma educação que possa ocorrer em qualquer espaço da cidade contribuindo com a formação humana dos educandos e tenha a escola como referência. Aponta que

o que torna os espaços efetivamente educativos é o nosso olhar sobre eles. Não existe olhar neutro no mundo que nos cerca. Todo processo pedagógico está repleto de conteúdos ideológicos, políticos e culturais que se fazem presentes no ato educativo e marcam a forma de agir e compreender o mundo. As ações educativas que podem ser desenvolvidas na escola e na cidade são

⁵ Sigla em inglês traduzida por United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - agência da ONU fundada em 1946.

atravessadas pelos posicionamentos políticos, pela maneira como é exercido o poder na cidade, ou seja, a serviço de quem e de que estamos agindo. (Chisté, 2017. p. 82).

Faz-se necessário ultrapassar a contemplação passiva dos espaços da cidade, refletindo e questionando sobre a cidade como mercadoria, que elitiza o espaço urbano e exclui para as margens, os grupos incômodos.

Em Desigualdades socioespaciais e escolhas escolares (Paula e Nogueira, 2018), os autores afirmam que a escola está inserida no espaço da cidade estando sujeita as vicissitudes e contradições no que toca aos serviços, oportunidades e custos dos espaços. Nesse lugar de reflexão científica sobre a cidade, surgiu uma nova questão no campo da sociologia da educação, que relaciona os espaços urbanos com a educação onde se pensa como a cidade, integralmente, pode ser encarada como um recurso educacional como também um objeto de pesquisa em sociologia da educação e em áreas correlatas.

Paula e Nogueira (2018) buscam compreender em que pesa o lugar de moradia (assim como o lugar social) na escolarização de crianças e adolescentes. Analisam a partir do índice IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que cidades metropolitanas com efeitos de desigualdade mais demarcados, tendem a ter menor desenvolvimento escolar do alunado, ainda que sejam mais ricas no conjunto do Estado da federação em que estão situadas. Verificaram também o que classificam como *efeito fuga de lugar* quando observam que quanto maior a pobreza e favelização associada a demarcada divisão entre favelas e bairros de classe média, maior o índice de defasagem escolar.

Outra percepção dos pesquisadores (Paula e Nogueira, 2018) refere-se ao nível de vulnerabilidade dos locais onde estão as escolas. Quanto maior a vulnerabilidade social, menor o desempenho dos escolares. Nesse sentido esses pesquisadores observaram ainda a *geografia de oportunidades*: em escolas situadas em bairros onde a vulnerabilidade social não é uma questão, de acordo com a escolha dos pais dos escolares estão, em melhores condições objetivas e subjetivas de oferecer uma melhor educação. O efeito fuga de lugar se explica, de acordo com as pesquisas citadas, pela qualidade dos vínculos sociais estabelecidos entre as famílias dos estudantes, e as famílias vizinhas. Ao que se verifica, quanto melhores as condições sociais de vida, maior o vínculo entre os habitantes da localidade e mais consistente será a escolha por escolas situadas no mesmo bairro em que moram.

O artigo Desafios urbanos à democratização do acesso às oportunidades educacionais nas metrópoles brasileiras (RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. et al. 2016), volta-se para a segregação urbana dos grupos populacionais mais vulneráveis e a reprodução da pobreza e das

desigualdades sociais desencadeados pela urbanização e metropolização das cidades. Nesse sentido, converge a redução de acesso aos serviços públicos, quando a posse de moradia somente, não resolve os problemas de acesso à cidade. O acesso à educação, especificamente, tem se tornado deficiente nos últimos 15 anos, de acordo com os autores dessa pesquisa. Trata-se de um padrão de desenvolvimento capitalista, de rural para urbano, de forma rápida e concentrada, mantendo os baixos níveis salariais, e um lento padrão de inclusão social e escolar (desconsiderando a educação do campo) que caracterizam o *famílistico-mercantil*, quando a reprodução das forças de trabalho, ficam a cargo das próprias comunidades.

De acordo com os pesquisadores (RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. et al. 2016) três processos socioespaciais são centrais para a compreensão da integração e exclusão com impacto nas relações de sociabilidade. *A diferenciação*, que consiste na transformação do trabalho para ainda mais fracionado, a *segmentação residencial*, decorrente favelização em consequência do pouco, ou nenhum investimento capital na reprodução das forças produtivas, e a *segregação* dos que, pelos motivos anteriores, não usufruem da cidade restringindo-se aos espaços onde conseguem viver.

O capital social desse grupo permanece sem condições de mobilidade. Essa população segue restrita em determinados espaços na cidade, o que afeta diretamente as redes de interação social e, conseqüentemente, entre os estudantes que não conseguem vislumbrar nenhum acesso a outras porções da cidade, o que compromete a capacidade reivindicatória desses grupos, por equipamentos urbanos como a escola. Em situação de precariedade de serviços, grupos segregados sofrem impacto negativo no acesso à escola o que mantém o isolamento social desses grupos da cidade.

No texto *A interferência da vulnerabilidade social sobre as oportunidades educacionais nos territórios urbanos*, (Giusto e Ribeiro. 2019), os autores percebem que, em países em desenvolvimento, a educação recebe grandes expectativas de parte considerável da população, sobretudo das camadas mais pobres, como única capaz de transmitir capital cultural e possibilidade de mobilidade social, dada a importância dessas instituições para esse público. Nesse contexto, observou-se *o efeito vizinhança* como um fator crucial na compreensão dos efeitos da vulnerabilidade social sobre a educação como fatores sociais, culturais e de ausência de serviços, como saneamento básico, interferindo negativamente nesse processo.

Alguns fatores foram diagnosticados como centrais na compreensão do *efeito vizinhança*: um determinado isolamento, fruto da segregação, com tendência a repetição de costumes e padrões socioculturais; uma seleção não dita de profissionais e alunos que ocuparão as escolas em melhores condições; deficiência administrativa do acompanhamento das escolas;

simplificação de currículos e práticas pedagógicas; estigma negativo em relação aos mais pobres e a capacidade de aprendizagem deles; más condições de trabalho dos profissionais de educação e apoio escolar. São fatores que relacionam questões administrativas de gestão – da cidade e da escola, e questões socioculturais sustentando a imobilidade social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Deste modo, a partir da discussão teórica acima trabalhada, apontaremos na análise da Entrevista realizada. O entrevistado para esse trabalho é um mototaxista⁶ trabalhador da cidade, com 39 anos de idade. Tem um filho e a família é composta apenas pelos dois membros. O filho do entrevistado, 14 anos, matriculado na rede estadual de ensino, cursando o 9º ano do ensino fundamental. Quando convidado a falar sobre a escola em que seu filho estuda, o entrevistado antecipou que não teria coisas boas a falar. O informamos da importância de suas colocações e que sua fala seria acolhida e respeitada.

De início perguntamos sobre como via a relação entre o bairro em que mora, Jeremias, em Campina Grande – PB, e os outros bairros da cidade

É... Eu percebo a diferença entre os bairros é nas residências que determinados bairros tem umas residências mais bem elaboradas, mais bem acabadas. E no bairro que eu moro, as residências ainda, a grande maioria não são terminadas, assim, a estrutura física das casas. E as ruas dos bairros mais ... mais... De pessoas com a classe financeira melhor, as ruas são mais bem [SIC] estruturadas do que no bairro onde eu moro.

O entrevistado chamou a atenção para a situação de infra estrutura do bairro em relação a outros bairros da cidade, o que deve influenciar nos investimentos dos particulares nas residências, mas não citou especificamente ausência de algum serviço básico.

Quando perguntado sobre em que escola matriculou o filho, respondeu que na escola do Rosário, que está situada no bairro Prata, um bairro que tem agregado valor imobiliário através de investimentos de empreendimentos medico hospitalares e prédios residenciais voltados à classe média da cidade.

Meu filho não estuda no bairro aonde moramos porque eu acredito que as escolas melhores escolas estão nos bairros de... de... população com a classe financeira melhor.

⁶ Serviço de transporte de pessoas com motocicletas, popular no Brasil.

A certa altura da entrevista questionamos sobre se o que dizem vizinhos e amigos influenciou na escolha por esta escola

A opção que eu tive de colocar lá foi por conta de... como é que se diz de... indicações, que falavam muito bem dessa escola. Eu acredito que poderia ter sido melhor por lá ser localizada lá porquê, assim, uma grande parte dos alunos que frequentam são filhos de pessoas mais estruturadas, assim, eu acredito que influencia na educação, no ensino.

Pode-se observar parcialmente o efeito fuga de lugar nessa fala, quando o entrevistado afirma que procurou fora, o que a escola do bairro, de acordo com ele, não oferecia. Percebe-se que a representação subjetivamente e objetivamente do pai de aluno entrevistado, e dos pais com quem conversou, com relação ao lugar em que a escola está situada. A infraestrutura do bairro onde a escola está localizada para eles, influencia na qualidade da ensino e no processo educacional.

Perguntado se conhecia as escolas mais próximas de sua casa em que seu filho poderia estudar respondeu que sim

Sim. Eu conheço as escolas que...que ficam próximas a área onde eu moro. Eu conheci essas escolas porque na minha infância, no período de estudos eu frequentei algumas delas.

Já quando perguntado se observa diferenças consideráveis entre as escolas do bairro e as escolas dos bairros vizinhos afirmou que

Não. Hoje em dia, depois de ter visto assim, os dois lados né?! da moeda, eu vejo que não tem muita diferença não. Até mesmo no comportamento dos alunos, né?! que eu acreditava, por ser uma escola com... com alunos filhos de pessoas mais estruturadas, seria mais organizado, mas, eu vejo que eu tava enganado.

Percebemos que a representação subjetiva e objetiva com relação a infraestrutura da localidade onde se situa a escola é muito importante para esse pai de aluno, e possivelmente, para os pais de amigos e vizinhos dele.

Perguntamos sobre o ensino na escola e sobre como via o desenvolvimento escolar do filho

Assim, a evolução dele é pouca porque, assim, dão poucos conteúdos... é... e também assim, bastante coisa que ele aprende é por conta própria, principalmente assim, na parte de inglês que é muito defasado o ensino em inglês e matemática. Ele busca aprender mais assim no... no...

nas coisas que ele tem interesse assim como inglês e um pouco de matemática que ele gosta e computação, nem se fala porque ele não tem aula, mas, o que ele aprende, é por conta própria.

Mesmo a escola estando situada em um bairro com melhor situação de infraestrutura e de classe média, o pai de aluno entrevistado não verifica um desenvolvimento de acordo com o esperado nos estudos do filho. O efeito vizinhança, nesse caso não se aplica uma vez que a escola está “bem situada”, mas, o ensino oferecido fica a desejar de acordo com entrevistado.

Desejamos saber do entrevistado como sucedeu a relação com a escola no momento de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19.

Ele, no início ele não conseguiu muito acompanhar as aulas por conta que era através do celular e era muito difícil pra ele conseguir assim visualizar as aulas, mudar de...página né?! como lá no comp... no celular, aí depois que adquiriu o computador, aí se tornou mais fácil.

E seguimos perguntando se o governo do Estado, gestor responsável pelas escolas estaduais e pela educação nessa unidade federativa, apoiou o filho do entrevistado de maneira a facilitar o acesso ao ensino remoto

Ah! o apoio foi muito pouco. No início da pandemia eles ficaram completamente abandonados. E no decorrer da pandemia depois de um ano, eu acho, sem ter aula, aí que começou a ter essas aulas online, mesmo assim eram muito poucas. Era faixa de... de uma hora de aula por dia, e as vezes, nem tinha. Foi muito pouco, foi péssimo o ensino durante a pandemia pra o meu filho. Aí já no final da pandemia, próximo ao retorno né, das aulas, acho que uns seis meses antes é que começaram a dar umas aulas um pouco melhores, é... aulas online né, de vídeo. Foi um paleativo [sic].

Por fim, verificamos na fala de nosso entrevistado sua insatisfação com a escola em que matriculou o filho mesmo tendo fugido dos “efeitos nocivos” da vizinhança do bairro onde mora

É... De maneira alguma. Eu não tô satisfeito... Por motivo de várias coisas terem acontecido, principalmente na troca constante de direção... Falta bastante diálogo com os pais, da direção... é... com os pais e... assim, a... direção de uma escola é de fundamental importância pra que ela caminhe bem na educação das crianças. Não é só os professores. Os professores até tem vontade, mas, às vezes, a direção atrapalha o ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que se percebe após as leituras oferecidas e entrevista realizada, as expectativas do pai entrevistado em relação a educação na cidade correspondem aos efeitos de fuga de lugar. A busca em outro bairro com visível diferença de classe, por uma educação melhor para seu filho. Entretanto, o que se verifica a partir da narrativa o entrevistado é que as expectativas dele não foram atingidas.

Como se sabe, essa linha de pesquisa é nova e os estudos de casos contribuem com as questões e em como se processam nos diversos lugares, das diversas cidades, no país, as questões relativas à educação na cidade.

Tomar a cidade como instrumento pedagógico requer ir além do que a própria cidade nos apresenta. Exige posicionamento político e o desenvolvimento da capacidade de ler o mundo. Assumir o letramento da cidade que temos e questiona-lo antes mesmo de requerer dos alunos e alunas tais respostas.

Nem todas os conceitos estudados podem ser verificados no caso analisado, mas, do ponto de vista da construção das expectativas do entrevistado em relação a escola pode-se afirmar que sim, ainda que as expectativas dele tenham sido frustradas.

Tomar a cidade como educadora é uma reação ao sistema segregador dos pobres na cidade, é uma ruptura no sistema educacional vigente que prepara alunos das camadas populares para serem operários conformados com a diferenciação do trabalho cada vez mais fracionado, sem acesso a moradias regulares, em muitos dos casos, e sem acesso a usufruir da cidade.

Esta escrita não tem objetivos de refutar os conceitos apontados pelos autores aqui trabalhados, senão o objetivo de discutir os pressupostos levantados, reafirmando o necessário debate nesta área de pesquisa.

REFERÊNCIAS

CHISTÉ, Priscila. Educação na cidade: possibilidades contra-hegemônicas de atuação de professores, mediadores de espaços culturais e educadores sociais. Revista Pedagogia Social UFF, [S.l.], v. 3, n. 1, set. 2017. ISSN 2527-0974. Disponível em: <http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/64>. Acesso em: 25 jun. 2022.

GIUSTO, Silvana Menegoto Nogueira Di; RIBEIRO, Vanda Mendes. A interferência da vulnerabilidade social sobre as oportunidades educacionais nos territórios urbanos. Educação em Perspectiva, Viçosa, MG. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7114>. Acesso em: 25 jun. 2022.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo: Ed. Centauro, 2008.

MACHADO, Joaquim. Cidade educadora e administração local da educação na cidade de Braga. Vº Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Cidades, Campos e Territórios. 2020. Disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR461180422234c_1.pdf Acesso em: 25 mai. 2022.

PAULA, Gustavo Bruno. de. NOGUEIRA; Maria Alice de Lima Gomes. Desigualdades socioespaciais e escolhas escolares. 2018. Educação | Santa Maria | v. 43 | n. 1 | p. 55-74 | Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/30037>. Acesso em: 25 jun. 2022.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. et al. Desafios urbanos à democratização do acesso às oportunidades educacionais nas metrópoles brasileiras. Educ. Soc., Campinas. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8f95k3KMYntRKtKMF5JCf6F/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 25 jun. 2022.

Fonte produzida para este artigo:

Entrevista realizada com pai de aluno matriculado na escola estadual realizada dia 25 jun. 2022.